

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

SELMA SERAFIM

O DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA – O DESENHO COMO MARCA

**CRICIÚMA - SC
2015**

SELMA SERAFIM

O DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA – O DESENHO COMO MARCA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador (a): Prof (ª) Esp. Angélica Neumaier.

CRICIÚMA - SC

2015

O DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA – O DESENHO COMO MARCA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em Processos e Poéticas – Linguagens.

Criciúma, 23 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Angélica Neumaier – Especialista em Ensino da Arte (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Izabel Cristina Marcilio Duarte - Especialista em Ensino da Arte - (UNESC)

Prof.^a Letícia Cardoso – Mestre em Poéticas Visuais – (UFRGS)

**Dedico este trabalho aos meus familiares,
amigos e professores.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois Ele é razão de todo o meu viver, e especialmente, agora por ter me concedido o privilégio de ter alcançado mais um objetivo.

Aos meus colegas e familiares que me incentivaram a ingressar na universidade.

A minha mãe Bernadete, amiga e conselheira, que sempre esteve ao meu lado, dando – me a maior força em todos os momentos difíceis desta caminhada.

A todos os professores pelo conhecimento e sabedoria compartilhados comigo, me auxiliando no aprendizado, e, sobretudo a minha querida professora e orientadora Angélica Neumaier que por meio de sua competência e experiência, me auxiliou no desenvolvimento de minha pesquisa, com muita dedicação do começo até o fim.

“Desenhar consiste numa tentativa de esclarecer ou aproximar a determinada visão, sensação, abstração partindo da realidade.”

Ana Alexandra da Costa Azevedo

RESUMO

O presente trabalho intitulado O desenho na arte contemporânea – o desenho como marca tem como objetivo geral investigar os processos utilizados pelos artistas do desenho na arte contemporânea e a apropriação desses processos para construir um objeto de arte. Realizo uma pesquisa sobre os processos do desenho por meio das obras dos artistas: Susan Collins, Richard Long e Trisha Brow, Sandra Cinto e Letícia Cardoso. Aproprio-me dos processos utilizados pela artista Letícia Cardoso com a intenção de propor ao público a possibilidade de conhecer os processos já utilizados por outros artistas para constituir uma nova direção para uma produção artística. Estudo as mudanças de paradigma da trajetória do desenho na arte, observando que o desenho contemporâneo proporciona aos artistas o desapego de regras no ato de construção de suas obras, podendo se apropriar de qualquer tipo de material e suporte. Classifico esta pesquisa de natureza básica, pois se insere na linha de Processos e Poéticas – Linguagens que aborda as linguagens artísticas no ato da criação, do fazer e da expressão. A pesquisa é considerada qualitativa, pois não importa a quantidade numérica, e sim a qualidade de aprofundamento e entendimento das questões abordadas.

É considerada exploratória porque é uma pesquisa bibliográfica que proporciona maiores definições sobre determinado assunto, com objetivo de explorar as idéias ou as descobertas de um assunto a ser compreendido. Farei um levantamento bibliográfico como base de estudo para conhecer questões acerca dos processos e propor novos conhecimentos a partir das investigações dos assuntos. A pesquisa foi de suma importância para rever meus conceitos acerca do desenho na arte.

Palavras- chave: Desenho. Processos. Artistas contemporâneos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A traição das imagens, 1929. René Magrite. Óleo sobre tela.	16
Figura 2 - Marcel Duchamp, A Fonte 1917.....	17
Figura 3 - Parede de caverna com pinturas. As mãos em Negativo.	20
Figura 4 - Susan Collins. Pormenor. Mesa nova e adesivo de vinil, 73 x 115 x 78 cm, 2002.	26
Figura 5 - Susan Collins, 'Eu sei tudo sobre você', sinal preto e adesivo de vinil, gravura e colagem diretamente na parede, 220x160cm.	26
Figura 6 - Richard Lon. Uma linha feita pelo caminhar, 1967.....	27
Figura 7 - Richard Long. Karoo Linha, uma caminhada de 15 dias no Sul da África, 2004.	28
Figura 8 - Richard Long. Escovado caminho uma linha no NEPAL, uma caminhada de 21 dias, 1983.....	29
Figura 9 - Richard Long. Quedas de águas lamacentas, Anthony D'Offay.	30
Figura 10 - Trisha Brown, sem título.	31
Figura 11 - Sandra Cinto. Sem título 2010, Caneta permanente e acrílica sobre tela 155 x 200 cm.....	33
Figura 12 - Sandra Cinto. Mar Azul, caneta permanente e acrílica sobre MDF, 150 x 275 cm, 2008.....	33
Figura 13 - Sandra Cinto. Encontro das águas, caneta permanente s/ vinil recorte s/ barco de madeira dimensões variadas, 2012.....	34
Figura 14 - Letícia Cardoso. Desenhos do Mar. Fotografia, 2000-2005.....	35
Figura 15 - Tossing Sticks in the air. Andy Goldsworthy, 1981.	36
Figura 16 - Rivane Neuenschwander. Carta Faminta, 2000.....	37
Figura 17 - Marcas de pés e de pneus automobilísticos.	40
Figura 18 - Marcas das patas de um cachorro.	40
Figura 19 - Marcas de pés de pássaros.	41
Figura 20 - Marca de uma folha que estava grudada na areia.	41
Figura 21 - Marcas das ondas do mar.....	42
Figura 22 - Marca de círculos feitos por um ciclista.	42
Figura 23 - Etapa 1. Preparação com gesso acrílico nas duas partes do tecido de algodão.	44
Figura 24 - Etapa 2. Primeira parte do tecido esticado na beira do mar.	45

Figura 25 - Etapa 3. Anil diluído em água sobre tecido de algodão.	45
Figura 26 - Momento em que chegou a água do mar.	46
Figura 27 - Etapa 4. Nanquim sobre tecido de algodão.	46
Figura 28 - Momento em que a água do mar chegou.	47
Figura 29 - Momento em que a água do mar chegou, e fez o primeiro desenho.	47
Figura 30 - Etapa 5. Gesso acrílico com nanquim.....	48
Figura 31 - Momento em que a água do mar chegou, e fez o segundo desenho.	48
Figura 32 – “ <i>Marcas do Mar I</i> ”. Nanquim sobre tecido de algodão 66 cm x 1,18 cm	49
Figura 33 – “ <i>Marcas do Mar II</i> ”. Nanquim com gesso acrílico sobre tecido de algodão 66 cm x 1,18 cm	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	12
3 ARTE CONTEMPORÂNEA	14
4 DESENHO - CONCEITO E HISTÓRIA	19
5 PROCESSOS DO DESENHO – O DESENHO COMO MARCA	24
5.1 SUSAN COLIINS	25
5.2 RICHARD LONG	27
5.3 TRISHA BROWn	30
6 POÉTICA PESSOAL: OBJETO-DE-ARTE	32
6.1 APROPRIAÇÕES NO DESENHO CONTEMPORANEO: SANDRA CINTO E LETICIA CARDOSO.....	32
6.1.1 Sandra Cinto	32
6.1.2 Letícia Cardoso	34
6.1.3 Objeto-de-arte	37
6.2 PROCESSO DE PRODUÇÃO – ‘Marcas do Mar’	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Desde criança sempre gostei de desenhar e colorir, a disciplina que eu mais me identificava era a de artes que na época era chamada de 'educação artística', por meio desta disciplina tive a oportunidade de desenvolver minhas habilidades artísticas através do desenho e da pintura.

Ingressei no curso de Artes Visuais como o objetivo de aprender as técnicas de desenho artístico. Porém, sem o conhecimento da trajetória do desenho na arte eu definia o desenho como um talento exclusivo do ser humano que seguido das técnicas poderia desenvolver maiores habilidades.

Com os estudos do desenho na arte percebi que na Pré-História os desenhos dos primitivos marcados nas paredes das cavernas era uma forma de registro sobre os acontecimentos do seu dia a dia. Eles não queriam mostrar nenhuma habilidade ou técnica, entretanto, o objetivo destes consistia em uma proposta de comunicação com o mundo.

Com o decorrer dos estudos nesse curso eu me deparei com a arte contemporânea que é um novo conceito de arte, abrindo caminhos para novas formas do artista expressar sua obra, com isso, o desenho também é livre de regras, fazendo com que o artista possa ser mais criativo no ato de desenhar.

Observei que os artistas contemporâneos se apropriam de diversos tipos de materiais e suportes para produzirem seus desenhos. Ao contrário do que eu pensava que para desenhar era necessário ter em mãos um instrumento riscador.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar os processos utilizados pelos artistas do desenho na arte contemporânea e a apropriação desses processos para construir um objeto de arte.

Pretendo estudar os processos realizados pelos artistas contemporâneos e conhecer as mudanças de paradigmas da trajetória do desenho na arte, apresentando as novas possibilidades de construção de uma produção artística por meio do desenho na arte contemporânea.

Este trabalho é composto por sete capítulos. O capítulo que aborda o conceito de arte em geral, e a visão na arte contemporânea. São fundamentados pelos os autores Bosi (1986), Archer (2001), Cauquelin (2005) e Cocchiarale (2007).

O capítulo seguinte aborda o conceito de desenho juntamente com mudanças de concepções a cerca do mesmo, desde a Pré – História, até o Pós-

Modernismo, é referenciado pelos autores Azevedo (2009), Proença (2006), Simblet (2004), Derdyk (2004), Andrade (1975) e Chuí (2010).

E seguida o capítulo sobre os processos do desenho, trazendo como sub - capítulo, o desenho como marca, trago novamente Azevedo (2009) para explicar os processos do desenho na arte contemporânea, por meio das obras dos artistas Susan Collins, Richard Long e Trisha Bronw,

Já o próximo capítulo sobre o termo apropriação na arte contemporânea é conceituado pelos autores Bourriaud (2009) e Salles (2009), discorrendo das possibilidades de apropriações para o artista construir a sua obra na arte contemporânea, trazendo as obras das artistas Letícia Cardoso e Sandra Cinto, como referência para minha produção artística.

O último capítulo apresenta o meu objeto de arte, que constitui em um desenho como marca, mostrarei os processos, que é fundamentado pelos autores Cattani (2002), Salles (2009). Serão produzidas duas obras intituladas de “Marcas do Mar” I e “Marcas do Mar”II.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa aborda questões acerca do desenho e sua relação com a arte contemporânea. Tem como objetivo geral investigar os processos utilizados pelos artistas do desenho na arte contemporânea e a apropriação desses processos para construir um objeto de arte.

A origem do desenho como linguagem artística será pesquisada desde a pré-história até os dias de hoje.

Realizarei uma pesquisa sobre os suportes, os meios e materiais utilizados pelos artistas do desenho na arte contemporânea. Pretendo estudar os processos realizados pelos artistas contemporâneos e estudar as mudanças de paradigma da trajetória do desenho na arte, apresentando as novas possibilidades de construção de uma produção artística por meio do desenho na arte contemporânea.

Esta pesquisa é titulada como 'O desenho na arte contemporânea – o desenho como marca' tendo como problema de pesquisa investigar as possibilidades de construir uma produção artística por meio do desenho com apropriação dos processos utilizados pelos artistas contemporâneos. Será realizado um levantamento bibliográfico como base de estudo para levantar questões acerca dos processos e propor novos conhecimentos a partir das investigações dos assuntos.

Segundo Minayo (2004, p.23) “toda pesquisa inicia-se com um problema a ser estudado, por isso, precisa de conhecimentos originais levando em consideração as exigências científicas.”

Observando por um prisma filosófico, considera-se a pesquisa como uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. Por isso, requer do pesquisador identificar quais as bases de classificação de sua pesquisa. Classifico essa pesquisa de natureza básica, pois se insere na linha de Processos e Poéticas do curso de Arte Visuais – Bacharelado em Linguagens na qual se enquadram as pesquisas que abordam as linguagens artísticas no ato da criação, do fazer e da expressão.

Considera-se aqui a pesquisa em arte aquela relacionada a criação das obras, que compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os componentes de um

pensamento visual estruturado. A pesquisa sobre arte é aquela que envolve a análise das obras, reunindo a história da arte, a crítica da arte, as teorias da arte e, ainda, conceitos de outras áreas do saber, utilizados como conceitos instrumentais. O pensamento visual tem, também que estar presente, norteando a reflexão, sob pena da obra tornar-se mera ilustração de uma ideia (CATTANI apud BRITES; TESSLER, 2002, p.38).

O pesquisador em arte se utiliza das reflexões, dos conceitos, das técnicas ligadas às áreas de conhecimento sobre a história, teoria e crítica da arte como fonte de conhecimento para o desenvolvimento de sua produção artística.

Considerando a concepção de Gil (2002, p.41) “a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”

A pesquisa exploratória é um tipo de pesquisa bibliográfica que proporciona maiores definições sobre determinado assunto, com objetivo de explorar as idéias ou as descobertas de um assunto a ser compreendido.

Segundo Gil (2002, p.44) “pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Para elaborar uma pesquisa é necessário fazer um levantamento bibliográfico para saber as diferenças e as relações acerca de determinados assuntos a serem estudados.

A pesquisa em arte é considerada qualitativa, pois não importa a quantidade numérica, e sim a qualidade de aprofundamento e entendimento das questões abordadas. Segundo Santaella (2001, p.185) “se as teorias são inevitáveis, para que não de lide com a reflexão apenas com os aprofundamentos mentais que o senso comum nos fornece, que, pelo menos, elas sejam escolhidas através da qualidade”.

A pesquisa qualitativa é importante para o desenvolvimento de novas idéias, não restringindo-se apenas com as respostas únicas do senso comum e sim buscando mais opiniões por meios entrevistas abertas e informais.

Com base na pesquisa, proponho construir um objeto de arte em desenho com o foco nas possibilidades de apropriação dos processos, meios, materiais utilizados pelos artistas Susan Collins, Richard Long, Trisha Brown, Letícia Cardoso e Sandra Cinto.

3 ARTE CONTEMPORÂNEA

Quando ingressei no curso de Artes Visuais, ainda não sabia o significado de arte, somente a partir dos estudos sobre a história da arte é que pude entender o seu conceito e sua origem.

No entanto, a arte teve seu início desde a Pré-História por meio das pinturas que os nossos antecessores faziam nas paredes das cavernas, os primitivos deixaram ali suas marcas pelas quais atraía olhares, provocando questionamentos aos observadores.

Partindo desse princípio eu aprendi que para um desenho, uma pintura ou uma escultura ser arte, tem que partir de uma intenção do artista; e que arte não consiste em um objeto construído para enfeitar um ambiente, como um vaso, um quadro ou um tapete, etc., mas, uma manifestação do ser humano, como a dança, a música, a poesia, entre outras, pode ser considerada arte desde que tenha um objetivo de propor uma experiência estética no observador.

Bosi promove uma reflexão para a compreensão sobre a arte a partir da Pré-História com as manifestações de expressão dos primitivos, resultando que a arte pode ser qualquer ação do ser humano desde que seja feita para alcançar uma experiência estética.

É preciso refletir sobre este dado incontornável: a arte tem representado desde a Pré-História, uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que, ao produzir objetos e suscitar certos estados psíquicos no receptor, não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Estas decorrem de um processo totalizante, que condiciona: o que nos leva a sondar o ser da arte enquanto modo específico de os homens em relação com o universo e consigo mesmo (BOSI, 1986, p.8).

Archer cita (2001, p.236) “a arte é um encontro contínuo o reflexivo com o mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age com iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado.”

Observa-se aqui que o conceito de arte não se limita em um só pensamento, em cada período da história a arte teve significados diferentes, nunca foi possível conseguir uma definição específica para a arte.

Com os estudos da trajetória da arte, percebe-se que por muito tempo os artistas seguiam fielmente as normas impostas pelas academias para que suas obras fossem reconhecidas como arte, porém este conceito mudou com o

modernismo onde os artistas romperam com estes padrões, segundo Cauquelin (2005, p.52) “a arte moderna origina-se de uma ruptura com o antigo sistema de academismo.

Durante esse período surgiram novas formas de representação na arte. Os artistas começaram a produzir suas obras com mais liberdade. Por meio das pinturas impressionistas percebe-se que as pinceladas são mais soltas, e com cores vibrantes.

A partir do impressionismo, a arte moderna passou a refletir e a investigar de modo crescente seus próprios meios de produção. Volto-se, portanto, prioritariamente, para a percepção, a expressão, para a pesquisa plástico-formal da cor, da matéria, textura, espaço, linha etc (COCCHIARALE, 2007, p.15).

Embora com a ruptura das normas acadêmicas ocorridas no modernismo a arte ainda era constituída a um objeto de contemplação e encontrava-se apenas em museus. Nesse mesmo período as obras artísticas pertenciam ao regime de consumo. Segundo Cauquelin (2005) a diferença da arte moderna e da contemporânea, é que, a arte moderna pertence ao regime de consumo e a arte contemporânea pertence ao de comunicação.

A arte contemporânea rompe com os padrões de beleza que havia no passado onde se dizia que o artista deveria ter dom ou talento para produzir belas obras.

Outra mudança ocorrida na arte contemporânea é de que suas produções saem dos museus e passam a ser aberta para todo o tipo de público sem interesse de ser vendida, e sim de se comunicar com o mundo.

Segundo Cauquelin (2005, p.87):

[...] a idéia desinteressada de um valor em si da obra, valendo para todos (a autonomia da arte, desinteressada, suspensa nas nuvens do idealismo), a idéia de comunicabilidade universal das obras baseada na intuição sensível (a questão do gosto, ao qual todos têm acesso), a idéia do sentido (o artista dá sentido, abre um mundo, expõe à vista a verdadeira natureza das coisas, ‘a natureza se serve do gênio para suas regras à arte’, dizia Kant¹.

A arte contemporânea promove debates entre arte e seus conceitos. O que vai valer é a intenção e a idéia do artista na construção de sua produção.

¹ Immanuel Kant foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo da era moderna. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant>. Acesso em: 25/06/2015.

De acordo com Archer (2001, p.87) “a Arte Conceitual propunha que as imagens podem ser conhecidas como análogas à linguagem: uma obra de arte pode ser lida.”

Archer (2001) apresenta a pintura de Magritte ‘A traição das imagens’, onde ele faz uma pintura de um cachimbo e escreve em baixo ‘Isto não é um cachimbo’. Por meio dessa pintura o artista propõe ao público a observar que a imagem é apenas uma cópia do real, uma ilusão.

Figura 1 - A traição das imagens, 1929. René Magritte. Óleo sobre tela.



Fonte: Disponível em: <<http://muquifu.com.br/site/12a-semana-nacional-de-museus-no-muquifu/1929-la-trahison-des-images-60x81-cm/>>. Acesso em: 01/04/2015.

Outro artista que rompeu com o conceito de arte que havia no passado é Marcel Duchamp, no qual ele se apropriou de um objeto do cotidiano e colocou como título ‘A Fonte’.

Figura 2 - Marcel Duchamp, A Fonte 1917.



Fonte: Disponível em: <<https://egonturci.wordpress.com/2012/09/10/a-fonte/>>. Acesso em:01/04/2015.

Houve um grande estranhamento por parte do público, mas o objetivo de Duchamp por meio dessa obra não era de despertar um sentimento de contemplação de beleza ou emoção, ele não estava preocupado com um julgamento do gosto do observador. Segundo Cauquelin (2005, p.134) “agir no domínio da arte é designar um objeto como arte. A atividade de designação faz a obra existir enquanto tal.”

Duchamp apresenta que a arte consiste também em designar ou mostrar conforme Cauquelin (2005) qualquer tipo de intervenção por meio de qualquer objeto.

“A invenção ou a idéia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não precisa necessariamente, fazer sua obra com as mãos. Essa é uma possibilidade conquistada desde a apropriação duchampiana e do objeto *trouvé*² surrealista” (COCCHIARALE, 2007 p.33).

² Trouvé (fr. "objeto encontrado") - objeto encontrado ao acaso pelo artista e exposto como obra de arte. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=8885>>. Acesso em: 25/06/2015

A atitude de Duchamp abre caminhos para novas formas de fazer e pensar a arte. Os artistas contemporâneos têm a liberdade de construir suas obras com qualquer tipo de suporte, ferramentas e materiais, e também podem se

4 DESENHO - CONCEITO E HISTÓRIA

O desenho está presente em minha vida desde o primeiro contato com os instrumentos e materiais que me possibilitavam a riscar, pintar, e assim, soltar minha imaginação. Com o decorrer dos estudos em Artes Visuais, aprendi que o desenho vai além de um simples rabisco em um papel, o mesmo pode ser encontrado nas marcas casuais da natureza, ou então as deixadas pelos rastros dos seres humanos, dos animais, dos pneus automobilísticos, entre outros.

Para Tosatto (apud AZEVEDO, 2004, p.83) “o desenho é a marca do corpo, o seu vestígio. Existe a par com uma vontade de permanência. Por sua vez, o desejo de conservar a memória, comanda a mão no registro.”

Entretanto a relação entre o desenho e o corpo como a marca permanente na memória.

Podemos analisar que na arte o corpo está muito ligado ao desenho, para um melhor entendimento, faremos uma análise de seus caminhos através da história do ser humano.

A arte da pré-história não era intencionada para a decoração, mas sim fundamentar a existência de vidas. Esta compreensão surgiu na antiguidade, onde os primitivos, por não saberem escrever, faziam marcas por meio do desenho nas paredes rochosas, com intuito de expor sua vivência no mundo, com manifestações que expressavam seus sentimentos e acontecimentos do seu cotidiano.

As chamadas pinturas rupestres representavam imagens de auto-retratos, rituais de dança, de caça, entre outros.

Azevedo (2009) ressalta que todo o ser humano consciente do uso das mãos, dedica-se a experimentações pictóricas tendo a necessidade de deixar marca sobre determinada superfície.

Segundo Proença (2006, p.6) “dentre as pinturas rupestres destacam-se as chamadas mãos em negativo coloridas com um pó extraído da trituração de rochas, há 30 mil anos atrás, no período Paleolítico.” (Fig. 3).

Figura 3 - Parede de caverna com pinturas. As mãos em Negativo.



Fonte: Disponível em: <<http://1estudantedearquitetura.blogspot.com.br/2013/04/a-arte-na-pre-historia.html>>. Acesso em: 01/04/2015.

Olhando para essas imagens, podemos notar a necessidade de nossos antecessores de se expressarem corporalmente por meio do desenho para que o mesmo possa permanecer na memória de cada um.

De fato, o ser humano é cercado por vários tipos de imagens, que ficam registradas em sua memória. Quando vamos ao supermercado, muitas vezes, nem precisamos ler o que está escrito nas embalagens, podemos identificar o tipo do produto pelo formato do pacote, pela cor, e até mesmo pela por meio de uma figura ilustrada.

Conforme Simblet (2004) qualquer lugar por onde passamos, somos rodeados de informações por meio do desenho, como por exemplo, nas placas de sinalizações, nas embalagens, nos vestuários, entre tantos outros.

O desenho é internacionalmente conhecido, é como se fosse um tipo de caligrafia universal, por isso as pessoas podem ler os desenhos dos outros.

A constituição do desenho como a expressão imediata da visão, do pensamento e do sentimento. “É um processo de investigação de idéias, de registro

de conhecimentos um refletir de experiência – Um espelho através do qual dou conta do meu lugar no mundo e aprendo a pensar” (SIMBLET, 2004, p.70).

Nessa citação a autora confere o desenho em comparação como um espelho, ou seja, um refletor dos sentidos. De fato, o espelho reflete nosso corpo no mundo, nos revela como somos e onde estamos. Assim como o espelho, o desenho, de certa forma, reflete a visão, os sentimentos e as experiências vividas.

O desenho assumia para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão conhecimento (DERDYK, 2004, p.29).

Compreende-se aqui que o desenho se constrói a partir de um pensamento de uma pessoa que almeja transmitir uma representação de algo.

Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (apud DERDYK, 2004, p.32) a palavra desenho “é a representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas com objetivo lúdico, artístico, científico, ou técnico: um desenho de criança; o desenho de uma paisagem; desenho de anatomia; o desenho de um motor.”

Ao abordar sobre o significado da palavra desenho, Azevedo (2009, p.19) destaca que o mesmo, “do latim – desígnio demarca-se o compromisso como o desígnio o entendimento da palavra aproxima-se a projetar, planejar, nomear.”

Desta forma o desenho remete - se a uma intenção humana que esta direcionada em alcançar algo.

Para Andrade (1975, p.71) “o desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura uma caligrafia que uma arte intermediária que se realiza por meio do espaço, pois de sua matéria é imóvel.”

Andrade (1975) apresenta o desenho na arte como linguagem autônoma, com diversas possibilidades de representações, desprendendo-se do convencional, das limitações de um papel, tornando-se mais solto para a construção de novas idéias e estratégias de comunicação e expressão.

“O desenho, da mesma forma que a arte da palavra, é essencialmente uma arte intelectual, que a gente deve compreender com os dados experimentais, ou melhor, confrontados, da inteligência” (ANDRADE, 1975, p.71).

Andrade (1975) compara o desenho com a poesia, não constituindo simplesmente a um processo manual, como se fosse uma forma de artesanato, e sim uma arte intelectual sendo compreendido com as experiências. Derdyk comumente com Andrade chegam a essa mesma concepção. Derdyk (2004, p.43) “o desenho é uma forma de raciocinar sobre o papel.”

Chuí (2010) em seu diálogo com Tiburi também cita que o desenho surge de um pensamento intelectual.

O desenho é a gene do pensamento; é o que vem antes; a vontade se antecipando ao desejo. Não é questão de coordenação motora, mas de aprimoramento da percepção da inteligência. Por isso podemos ver o desenho das colinas, dos prédios, da tempestade, do fogo – das ideias (CHUÍ, 2010, p. 19).

Para (SALLES apud DERDYK, 2007) o desenho não é uma imagem figurativa, mas abrange formas visuais de uma reflexão que vem de um pensamento.

Embora com todas estas definições e reflexões acerca do desenho, Azevedo (2009) simplifica o desenho como uma atitude de deixar marcas sobre uma determinada superfície. O desenho será então a confirmação dessa atitude humana.

As concepções sobre o desenho foram se modificando com o decorrer dos tempos. Até chegar a ser considerado um objeto de arte, de livre expressão o desenho era constituído a uma mera cópia da natureza seguido de normas acadêmicas.

Para melhor situar esta questão, farei uma análise do desenho e suas mudanças em determinados períodos da história.

4.1 HISTÓRIA

Em nossa língua, a palavra aparece no fim do século XVI. D. João III, em carta régia dirigida aos patriotas brasileiros que lutaram contra a invasão holandesa no Recife, assim se exprime, segundo Varnhagem: Para que haja forças bastantes no mar com que impedir os desenhos do inimigo, tenho resoluto, etc. Portanto, desenho- designio: intenção; plano do inimigo (VARNHAGEM apud DERDYK, 2004, p.32).

Os primeiros desenhos surgiam a partir da cópia da natureza a *mimésis*, segundo Azevedo (2009, p.39) “o conceito de *mimésis* liga-se ao esforço para provocar no observador uma emoção ou sensação semelhante à ideia real, trata-se portanto, de criar uma ilusão.”

O termo *mimésis*³ foi utilizado pelos artistas por muito tempo a fim de propor por convenção um tipo de arte mais segura. Conforme Azevedo (2009, p.39) “na transição da Idade Média para a Renascença dois modelos se aplicaram: a cópia dos trabalhos dos mestres e a cópia do natural.”

Para produzirem seus desenhos e pinturas, os artistas utilizavam um modelo natural, mas se apropriavam das técnicas aprendidas nas academias para representar o modelo real. Este método causou polêmica, muitos consideraram falta de originalidade nas obras dos artistas.

“No período renascentista foi grande o impulso criativo e a sua tradução através do desenho. O meio gráfico revela o sentido estético e a invenção tecnológica e a invenção científica” (AZEVEDO, 2009, p.39).

Essas inovações científicas e tecnológicas levaram os artistas a produzirem suas obras com mais liberdade de imaginação, conforme Azevedo (2009) os artistas não seguiam mais a uma norma acadêmica, eles romperam com as técnicas e com os modelos para ficarem mais livres em suas criações enfatizando mais às invenções.

Voltando ao termo *mimésis* pode-se analisar que o mesmo percorre todos os períodos e movimentos nas produções artísticas. Azevedo cita (2009, p.41) que “uma vez que o próprio artista é parte integrante da natureza uma mudança de ponto de vista para si, ou para o seu modo de ver, pode também ser considerada uma espécie de imitação levando a uma alteração de paradigmas.”

O desenho foi se modificando no decorrer da história. Azevedo (2009) na pré-história, os primitivos desenhavam nas paredes das cavernas figuras humanas e de animais, os registros encontrados também mostram cenas de dança com características simbólicas de rituais religiosos.

Pode-se observar que os primeiros desenhos dos primitivos não só consistiam em um simples registro físico, mas também como um manifesto divino do ser humano ligado à natureza.

Ainda segundo Azevedo (2009, p.45) “a partir do século V a representação figurativa, com base na arte bizantina, passou a ser admitida do poder da religião e do imperador. No entanto houve uma regressão no desenho.”

³ Mimésis: Imitação (imitado, em Latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/dicionario-aurelio-online>>. Acesso em: 07/04/2015.

Nesse período o que vai destaca-se o valor simbólico do desenho e não mais a perfeição como na cultura Greco romana. Os artistas continuam a desenhar figuras simbólicas voltadas à religião.

Somente no renascimento que os artistas vão romper com o modelo medieval. O desenho passa a ser esboço para uma intenção, um projeto, uma proposta de construção de objetos novos para a vida real do ser humano.

Para Azevedo (2009, p.45) “as investigações no campo científico e matemático vão incentivar o processo e colocar o homem no centro do universo.”

No entanto o desenho busca o estudo da geometria e da anatomia, partindo desse princípio é que vão surgindo várias formas de compor o desenho.

No período neoclássico os artistas construíam suas obras apropriando-se dos estilos da antiguidade clássica, tais temas eram relacionados a mitologia e ao poderio Greco romano.

No romantismo, o termo *mimésis* encontra-se na cópia dos sentimentos dos artistas. O que irá ser mais valorizado é a expressão, e também a imaginação artística. Devido à revolução francesa que acontecia nesse período, os artistas retratavam em suas pinturas, imagens dramáticas e cenas que remetiam à fraternidade e à igualdade.

As normas acadêmicas juntamente com a *mimésis* continuavam ainda muito presente nas produções artísticas, na ideia de Azevedo (2009), no realismo o artista capturava a cópia do real da natureza.

Somente no impressionismo que os artistas se desapegam a *mimésis*, e o desenho fica mais livres de normas acadêmicas, conforme Azevedo (2009, p.49) “desde o surgimento do impressionismo que os paradigmas artísticos foram alterados.”

A partir do século XX, no Pós-modernismo definitivamente as obras de arte rompem com a *mimésis*, tornando o artista a focar sua obra de acordo com sua intenção, de forma mais criativa e imaginativa.

De acordo com Azevedo (2009, p.50) “a grande diferença está no fato da leitura não se basear meramente na percepção visual e passar a acontecer também em outros campos, como o motivo e o intelectual.”

5 PROCESSOS DO DESENHO – O DESENHO COMO MARCA

Realizando uma análise, a mudança ocorrida com o desenho na história da arte mostra que na arte contemporânea os processos³ do desenho se tornam diferentes dos padrões estabelecidos na arte moderna, com isso, os artistas contemporâneos produzem seus desenhos livres de regras acadêmicas. Estas mudanças proporcionam aos artistas muitas possibilidades no ato de desenhar, O processo⁴ do desenho na arte contemporânea assume o papel de uma obra de arte construída a partir de uma ideia, onde o artista pode planejar suas propostas e produzir de diversas formas, utilizando vários tipos de suportes, instrumentos e materiais.

O entendimento do desenho enquanto processo revela ultrapassagem da concepção do mesmo segundo modelos acadêmicos. Significa rejeição de meios e técnicas convencionais de desenho para dar lugar ao repensar a relação entre o artista, os seus instrumentos, materiais e suportes. No seguimento desta situação ocorre uma oposição de valores estéticos do passado (AZEVEDO, 2009, p.69).

Diante das inúmeras possibilidades dos processos do desenho na arte contemporânea, estudarei o desenho como marca, que está relacionado à minha produção artística.

Segundo Azevedo (2009, p.82) “o desenho resulta da marca deixada pelo encontro entre dois elementos distintos. O momento de contado será aquele em que se dará a gênese de desenho.”

Como a análise estudada anteriormente sobre as pinturas rupestres, percebe-se que o desenho enquanto marca revela uma determinada ação. Alguns artistas do desenho na arte contemporânea produzem suas obras com a ideia originada desse princípio.

Para um melhor entendimento sobre esta questão Azevedo (2009) apresenta os tipos de marcas por meio das produções dos artistas Susan Collins, Richard Long e Trisha Brown.

5.1 SUSAN COLLINS

⁴ Processo: Método, sistema, modo de fazer uma coisa. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/processo>>. Acesso em: 28/04/2015.

Segundo Azevedo (2009, p.82) “Susan Collins trabalha com as marcas deixadas por objetos ou ações, Transforma o acidental em algo intencional e com caráter permanente.”

[...] O desenho não comunica do mesmo modo que uma linguagem. Atenta para que em vez de o pensarmos enquanto uma espécie de idioma devemos encará-lo com vestígio de uma determinada ação. Tal como a pista perseguida pelo detetive, as marcas do desenho podem-nos possibilitar a decifração de certo enigma, relação, coerência (AZEVEDO, 2009, p.82).

Abaixo podemos observar duas figuras, a primeira imagem é formada pelo acaso por meio da marca de um copo em uma mesa e a segunda é de uma imagem da tinta onde foi retirada a parte central, destacando uma marca em formato retangular das tintas derramadas.

A intenção da artista é de transformar o conceito do desenho em arte. Sugerindo ao público que o desenho não é constituído por figuras, mas sim, por um ato de colocar em questão a observação acerca da ação na arte.

Figura 4 - Susan Collins. Pormenor. Mesa nova e adesivo de vinil, 73 x 115 x 78 cm, 2002.



Fonte: Disponível em: <<http://www.thecentreofattention.org/exhibitions/susan.html>>. Acesso em: 28/04/2015.

Figura 5 - Susan Collins, ‘Eu sei tudo sobre você’, sinal preto e adesivo de vinil, gravura e colagem diretamente na parede, 220x160cm.



Fonte: Disponível em: <<http://www.aa2a.org/artistpages/susancollis.php>>. Acesso em: 28/04/2015.

5.2 RICHARD LONG

O artista trabalha sua produção utilizando elementos da natureza e constrói desenhos simulando caminhos. Segundo Azevedo (2009) a produção do artista é construída com a ideia de que o desenho sai do papel e se expande pela superfície terrestre. O artista mantém registrada sua obra por meio da fotografia.

“Na natureza das coisas: Art sobre mobilidade, leveza e liberdade. Simples atos criativos de caminhada e marcação sobre o lugar, localidade, tempo, distância e medição. Funciona usando matérias-primas e minha escala humana na realidade de paisagens” (RICHARD LONG).

Figura 6 - Richard Lon. Uma linha feita pelo caminhar, 1967.



Fonte: Disponível em: <<http://www.richardlong.org/>>. Acesso em: 28/04/2015.

Figura 7 - Richard Long. Karoo Linha, uma caminhada de 15 dias no Sul da África, 2004.



Fonte: Disponível em: <<http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/karoolin.html>>. Acesso em: 28/04/2015.

Figura 8 - Richard Long. Escovado caminho uma linha no NEPAL, uma caminhada de 21 dias, 1983.



Fonte: Disponível em: <<http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/linenepal.html>>. Acesso em: 28/04/2015.

Uma breve trajetória pela arte de Richard Long

Richard Long⁵ nasceu em Bristol na Inglaterra em 1945. Teve sua formação Universidade do Oeste da faculdade de Artes da Inglaterra.

Em 1968, Long participou das primeiras exposições internacionais da Arte Povera, na Itália, e também da Art da Terra, da Universidade Cornell, em Nova York, em 1969.

O artista é o único a conquistar o prêmio *Turner* em quatro vezes seguidas, nos anos de 1984 a 1988. No ano seguinte em 1989 ele ganhou o prêmio para linha Branca da Água. Atualmene Richard Long vive e trabalha em Bristol

⁵ Informações retiradas do site: <[http://www.wikiwand.com/en/Richard_Long_\(artist\)](http://www.wikiwand.com/en/Richard_Long_(artist))>. Acesso em 28/04/2015.

Figura 9 - Richard Long. Quedas de águas lamacentas, Anthony D'Offay.



Fonte: Disponível em:
 <<http://www.richardlong.org/Exhibitions/2011exhibitions/muddywaterfall.html>>. Acesso em:
 28/04/2015.

5.3 TRISHA BROWN

Trisha Brown é uma dançarina coreógrafa que inovou a dança moderna. Durante sua carreira artística ela trabalhou com desenhos, arte, ciências e visuais.

Brow utiliza seu próprio corpo para marcar uma superfície. Segundo Azevedo (2009, p. 25) “a sua obra associa desenho, movimento, música e vídeo.”

A artista projeta as marcas de seu corpo tendo o desenho como base fundamental para registrar as suas coreografias.

Refere em relação ao desenho: senta-se no ar entre mim e meus dançarinos. Vê uma coreografia como um ato de desenhar: Se o são no ar ou em papel, é toda uma outra vista da possibilidade, uma outra maneira de pensar sobre o corpo em movimento no espaço que me libera para fazer coisas que eu nunca pensaria em fazer na dança (AZEVEDO, 2009, p.25).

Pode-se analisar pelas imagens abaixo onde a artista utiliza o desenho e a coreografia como formas inovadoras de artes visuais.

Figura 10 - Trisha Brown, sem título.



Fonte: Disponível em: <<http://www.walkerart.org/calendar/2008/trisha-brown-so-that-the-audience-does-not-know>>. Acesso em: 04/05/2015.

Uma breve trajetória pela arte de Trisha Brown

Trisha Brown⁶ nasceu nos Estados Unidos em 1936, é considerada uma das primeiras dançarinas na pós- modernidade.

A artista fundou a TBDC (*Dance Company*) que atua até hoje.

Algumas de suas obras em destaque são: 'Caminhando na parede' em 1971, em 1974: 'Figura', Em 1973: 'Dança Espanhola' e em 1970: 'Chão da Floresta'.

A artista faz uso dos espaços públicos para realizar suas coreografias com intuito de extrapolar os limites do palco. A idéia de Brown é de apropriação do seu dia a dia com intenção de minorar os limites entre a vida e a morte.

⁶ Informações tiradas do site: <<http://pt.slideshare.net/hdpm3/trisha-brown>>. Acesso em: 04/05/2015.

6 POÉTICA PESSOAL: OBJETO-DE-ARTE

6.1 APROPRIAÇÕES NO DESENHO CONTEMPORANEO: SANDRA CINTO E LETICIA CARDOSO

De um modo geral o significado da palavra apropriação segundo dicionário Aurélio, é o ato no qual o sujeito obtém posse de algo que não lhe pertencia, tornando-o próprio.

A palavra apropriação na arte se refere às práticas de intervenções de diversos tipos.

Uns dos artistas pioneiros como já visto a se apropriar de objetos do cotidiano foi Marcel Duchamp, onde ele expõe:

[...] um objeto manufaturado (um porta-garrafas, um urinol, uma pá de neve) como obra de espírito, ele se desloca a problemática do processo criativo, colocando a ênfase não em alguma habilidade manual, e sim no olhar do artista sobre o objeto (BOURRIAUD, 2009, p.22).

Muitos artistas contemporâneos influenciados pela atitude de Duchamp se apropriam de qualquer objeto alternativo e transformam- os em de arte.

É comum hoje em dia vemos artistas apropriando-se dos mais simples elementos da natureza para construir suas obras.

Segundo Salles (2009, p. 99) “o artista apropria-se da realidade externa e, em gestos transformadores, constrói novas formas.”

Salles confere o termo apropriação proveniente de objetos prontos com uma ação transformadora.

O termo apropriação na arte é empregado também para o uso de processos de outros artistas com intuito de compor uma nova narrativa.

6.1.1 Sandra Cinto

Podemos mencionar aqui duas artistas do desenho na arte contemporânea que se apropriam de objetos, de espaços, de paredes e também de estilos para produzirem suas obras, uma dessas artistas é Sandra Cinto, onde ela se apropria do estilo Barroco para construção de seus desenhos.

Figura 11 - Sandra Cinto. Sem título 2010, Caneta permanente e acrílica sobre tela 155 x 200 cm.



Fonte: Disponível em: <<https://viajenaarte.wordpress.com/2010/07/28/imitacao-da-agua-de-sandra-into/>>. Acesso em: 11/05/2015

Figura 12 - Sandra Cinto. Mar Azul, caneta permanente e acrílica sobre MDF, 150 x 275 cm, 2008.



Fonte: Disponível em: <<https://viajenaarte.wordpress.com/2010/07/28/imitacao-da-agua-de-sandra-cinto/>>. Acesso em: 11/05/2015.

Podemos observar na imagem abaixo onde a artista se apropria das paredes da galeria para construir seus desenhos, e de um barco para estabelecer um diálogo com sua obra.

Figura 13 - Sandra Cinto. Encontro das águas, caneta permanente s/ vinil recorte s/ barco de madeira dimensões variadas, 2012.



Fonte: Disponível em: <<http://ateliefidalga.com.br/galerias/sandra-cinto>>. Acesso em: 11/05/2015.

⁷Em uma entrevista com Sandra Cinto sobre sua obra ela diz que a forma representada em seus desenhos é construída a partir da lembrança de sua infância, onde ela morava perto de uma igreja e no teto desta havia uma pintura de um céu barroco que a encantava. No decorrer da entrevista a artista comenta seu sentimento pelo mar a uma contemplação de beleza misturada com sensações de medo e de mistério.

Sandra Cinto explica que constrói seu desenho e depois apaga propondo ao espectador a ideia de que o desenho não tem fim.

6.1.2 Letícia Cardoso

Letícia Cardoso realiza suas produções se apropriando dos mais singelos

⁷ Informações retiradas do site: <<https://www.youtube.com/watch?v=DQyZARscYAk>>. Acesso em: 11/05/2015.

elementos da natureza. Cardoso (2005) realiza na Praia do Moçambique, em Florianópolis a obra titulada 'Desenhos do Mar', onde utiliza um fio metálico esticado na beira do mar. Nos intervalos de uma onda e outra, o fio vai se enrolando e arrastando na areia, com isso, vão surgindo desenhos efêmeros na praia. A proposta é de a linha mapear o contorno e definir a fronteira entre o mar e a areia. A artista utiliza a fotografia para registrar todo o processo.

Há um ritmo constante e variável neste movimento, que se atualiza constantemente, influenciado pelos ventos, pela lua e ocupando, de maneira diferente, o espaço da praia cada onda. O fio, ao encontrar-se com as ondas, é movimentado conforme o ritmo do mar (CARDOSO, 2005, p.101).

As figuras abaixo mostram as marcas resultantes do movimento do fio em contato com as ondas do mar.

Figura 14 - Letícia Cardoso. Desenhos do Mar, 2005



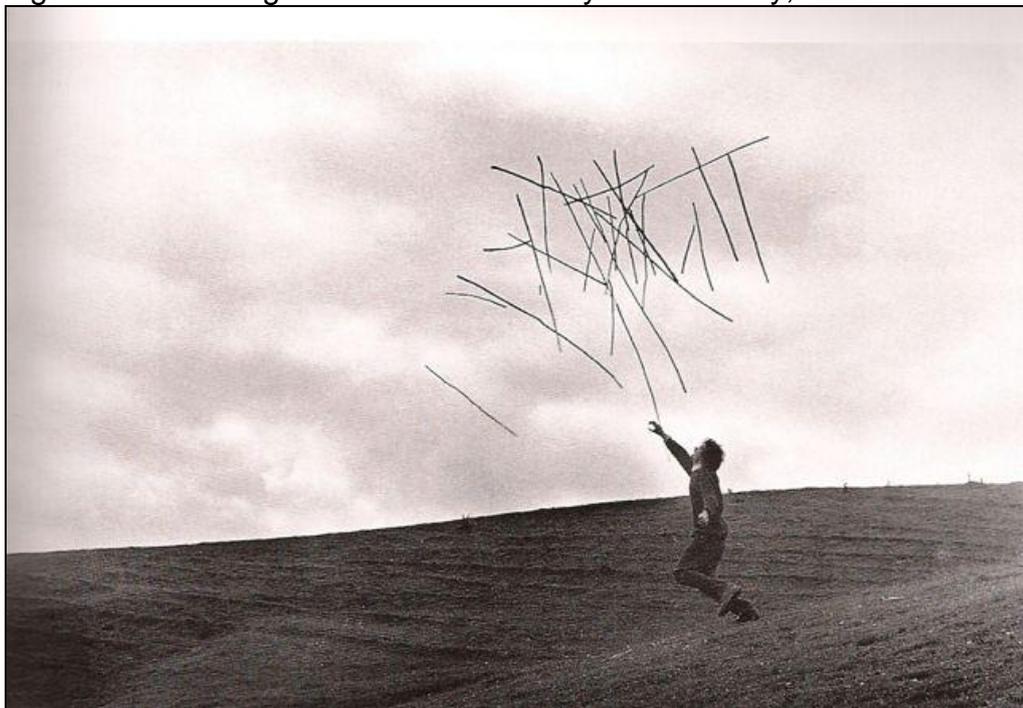
Fonte: Disponível em: <http://muvi.advant.com.br/artistas//leticia_cardoso/mar.htm>. Acesso em: 15/05/2015.

Letícia Cardoso (2005) se apropria dos processos de alguns artistas do desenho na arte contemporânea para realização de sua obra.

Um deles é Richard Long, já citado acima, onde o artista se apropria de elementos da natureza para desenhar caminhos em determinadas superfícies da terra.

Outro artista que faz referência é Andy Goldsworthy, cujo processo consiste na apropriação de vários bastões jogados para cima diante de uma determinada paisagem. À medida que os bastões estão suspensos no ar o artista utiliza uma câmera fotográfica para registrar os desenhos formados.

Figura 15 - Tossing Sticks in the air. Andy Goldsworthy, 1981.



Fonte: Disponível em: <<http://photographyincontext.blogspot.com.br/2012/04/landscape-meditation-and-contemplation.html>>. Acesso em: 15/05/2015.

Rivane Neuenschwander é uma das artistas que Cardoso (2005) também se apropria do processo para construção de sua obra. A obra intitulada 'Carta Faminta' consiste pela utilização de folhas de papel de arroz esticadas no chão e por cima das folhas ela coloca lesmas. As lesmas vão atravessando todas as folhas e comendo o papel. O resultado final é focado na sobra das folhas do papel comido pelas lesmas e também, as gosmas das lesmas criam formas geográficas que representam a uma cartografia.

Conforme Cardoso (2005, p.102) "a artista relatou estar interessada em criar um universo, em que as coisas dialogassem mais uma com as outras e, nesta ação, buscando o limite tênue entre o acaso e seu controle."

Figura 16 - Rivane Neuenschwander. Carta Faminta, 2000.



Fonte: Disponível em: <<http://www.artsconnected.org/resource/89571/carta-faminta-starving-letters>>. Acesso em: 15/05/2015.

A proposta da obra da artista Letícia Cardoso 'Desenhos do Mar' (2005) consiste na idéia de jogar-brincar, relata que os constantes movimentos das ondas do mar levando o fio de um lado para o outro, indica os repetidos jogos de criança como: jogo de esconde-esconde, jogo de amarelinha, entre outros.

Segundo Cardoso (2005, p.103) "a constante observação do movimento das ondas desmanchar-se na praia, foi uma experiência que impulsionou o jogar-brincar."

6.1.3 Objeto-de-arte

A pesquisa em sua totalidade expandiu meus conhecimentos sobre a arte. Hoje sei que na arte contemporânea existe um universo de possibilidades para o artista elaborar sua obra, sendo por meio de gestos, processos, materiais, o que valerá é a intenção do artista, independente de normas e até mesmo do próprio artista.

O próprio artista poderá falar de seu processo, analisar suas intenções, descrever os materiais e técnicas que empregou, sem, todavia, expor totalidade da sua própria obra, porque, na passagem da presentificação à verbalização, ocorrerão perdas e/ou descaminhos (CATTANI apud BRITES; TESSLER, 2002, p.37).

Com a investigação das obras dos artistas, o que penso ser mais relevante é a idéia do desenho ser construído do acaso, de acordo com Cattani (2002) na arte contemporânea o artista constrói sua obra de seu jeito, sobre qualquer superfície, ele fixa seu olhar por meio de uma atitude casual. O objetivo dos artistas contemporâneos, diferente dos artistas do passado, é de propiciar algo novo para o campo da arte.

Para não confundir a arte como qualquer atitude casual, uma produção deve ser realizada a partir de uma idéia, com um objetivo a ser alcançado, Pareyson (1984 apud CATTANI, 2002, p.41) “é importante considerar também que, embora o artista possa recorrer ao acaso, ou até mesmo a um fazer cego, ele sabe reconhecer o que quer encontrar.”

Entre todas as obras artísticas do desenho na arte contemporânea inseridas na minha pesquisa, encontrei a obra da artista Letícia Cardoso intitulada ‘Desenho do Mar’, que trago como referência para a minha produção artística.

A artista projeta mentalmente sua idéia, e por meio do acaso os desenhos são realizados. O processo da obra consiste na apropriação de um fio prateado esticado na beira do mar, que ao encontro das ondas o fio vai enrolando e desenrolado, formando desenhos efêmeros na areia da praia. Ela fotografa todo o processo como registro das variações dos desenhos formados pelo encontro entre a linha e o mar.

Minha inspiração pela obra da Letícia Cardoso ‘Desenhos do Mar’ consiste em uma reflexão pessoal. Sempre tive uma forte aproximação com o mar, pela sensação de harmonia e tranquilidade.

Meu interesse pela obra de Cardoso também consiste no prazer que o desenho me proporciona desde a minha infância, só que minha concepção de desenho anteriormente aos estudos em Artes Visuais consistia somente em produzir-los utilizando lápis ou canetas, sobre uma superfície de papel, porém essa pesquisa ampliou ainda mais meus conceitos sobre a natureza do desenho, me impulsionando a produzir meu objeto de arte com mais liberdade.

Partindo do princípio de que o desenho na arte contemporânea é uma

linguagem com inúmeras possibilidades, podendo ser construído com qualquer tipo de materiais e suportes, o acontece na verdade, é a intenção do artista no ato de sua produção artística.

Deste modo minha proposta é de construir um objeto de arte por meio do desenho marcado casualmente pelo mar com a intenção de sugerir ao espectador uma determinação. Irei me apropriar dos processos utilizados pela artista Letícia Cardoso.

A ideia para minha produção surgiu em um momento em que eu estava caminhando na praia quando me deparei com várias marcas casuais dos seres humanos, animais e elementos da natureza.

“De vez em quando, a vida nos dá uma visão momentânea de algo que quebra a ordem da realidade, e alguma coisa é descoberta” (CASARES, 1988, apud SALLES, 2009, p.101).

Acredito que dentro de cada pessoa ao se deparar com algo, despertará uma visão sensível e particular. As marcas formadas pelo acaso foi fonte de inspiração para o meu processo criativo, não só pelo aspecto visual, mas também pelo sentimental. Miró (1989 apud SALLES, p.100) explica que:

[...] não importa o objeto que lhe atrai; ele precisa de algo que lhe provoque uma emoção. É a emoção que se move. O artista é um espetáculo de emoções vindas não importa de onde: do céu, da terra, de um pedaço de papel, de uma figura que passa de uma teia de aranha.

Acredito que dentro de cada pessoa ao se deparar com algo, despertará uma visão sensível e particular, segundo Ostrower (1978 apud SALLES, 2002, p.96) “há no ser de cada pessoa certas áreas de sensibilidade, a partir das potencialidades latentes, que serão ativadas pelos acontecimentos.”

O olhar para as marcas despertou-me um interesse em fotografá-las, neste mesmo momento eu percebi também que, todas as marcas formavam desenhos que correspondiam a uma determinada ação. Como por exemplo: pessoas em uma caminhada, cachorros passeando com os seus donos, pássaros pousando e se agrupando na praia, folhas caindo e sendo molhadas pela água do mar, pessoas dirigindo automóveis, ciclistas fazendo suas manobras, e etc.

Trago aqui algumas imagens como mostra dessas ações.

Figura 17 - Marcas de pés e de pneus automobilísticos.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 18 - Marcas das patas de um cachorro.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 19 - Marcas de pés de pássaros.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 20 - Marca de uma folha que estava grudada na areia.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 21 - Marcas das ondas do mar.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 22 - Marca de círculos feitos por um ciclista.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Através dessas marcas comecei a refletir sobre a origem do desenho, onde os habitantes da pré-história faziam marcas por meio do desenho nas paredes das cavernas com o intuito de registrar certas ações do seu cotidiano.

De acordo com Salles (2009, p.92) “o percurso criativo observado sob o ponto de vista de sua continuidade coloca os gestos criadores em uma cadeia de relações, formando uma rede de operações estreitamente ligadas.”

No ato criativo Salles comenta (2009) constrói-se uma visão anterior. No entanto, uma obra artística pode ser produzida com referência a outra, incorporando um novo conceito e apresentando resultados inusitados.

6.2 PROCESSO DE PRODUÇÃO – ‘MARCAS DO MAR’

Meu objeto de arte intitulado como ‘Marcas do Mar’ foi pensado diante da observação das marcas que o mar deixa na areia, com a compreensão que a arte contemporânea é livre de técnicas, materiais e processos, assim minha proposta é de que o desenho fosse realizado pelo mar, em um determinado suporte.

Para este propósito comprei um tecido de algodão e dividi em duas partes para fazer experimentações com as tintas: anil e nanquim, utilizarei um pincel para espalhar o gesso acrílico até cobrir toda a parte do tecido para impermeabilizá-lo.

Primeiramente eu estiquei uma parte do tecido à beira do mar e, coloquei o anil diluído em água e aguardei as ondas se aproximarem.

No primeiro momento as ondas chegavam com muita força pelo fato de o mar estar muito agitado, o resultado não foi o esperado sendo que o anil não se fixou no tecido.

Quanto mais próximas de nós, mais a produção artística coloca problemas: não apenas pela proximidade, já por si mesma, elemento perturbador, mas também pela complexidade crescente do objeto de estudo. As novas formas de fazer acarretam, necessariamente, novas formas de olhar e analisar (CATTANI apud BRITES; TESSLER, 2002, p.43).

Logo em seguida, eu estiquei a outra parte do tecido e coloquei nanquim, nesta tentativa eu afastei o tecido do mar, com isso as ondas chegaram com menos força e obtive um bom resultado.

No mesmo dia lavei o tecido da primeira tentativa com o anil, e no dia seguinte já com o tecido seco, estiquei novamente na beira do mar, e fiz a

experiência com gesso acrílico diluído com água misturado com nanquim.

O artista, mesmo não possuindo nenhum critério objetivo e mesmo não dispondo de um projeto preestabelecido, está em condições de reconhecer, e distinguir, no curso da produção, aquilo que deve cancelar, ou corrigir, ou modificar, e aquilo que, pelo contrário, está bem conseguido e pode considerar como definitivo (PAREYSON, 1984 apud CATTANI, 2002, p.41).

Novamente a onda do mar chegou com muita força e o tecido ficou coberto de areia, mas assim mesmo gostei do resultado.

As imagens abaixo apresentam todas as etapas do processo do meu objeto artístico.

Figura 23 - Etapa 1. Preparação com gesso acrílico nas duas partes do tecido de algodão.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 24 - Etapa 2. Primeira parte do tecido esticado na beira do mar.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 25 - Etapa 3. Anil diluído em água sobre tecido de algodão.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 26 - Momento em que chegou a água do mar.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 27 - Etapa 4. Nanquim sobre tecido de algodão.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

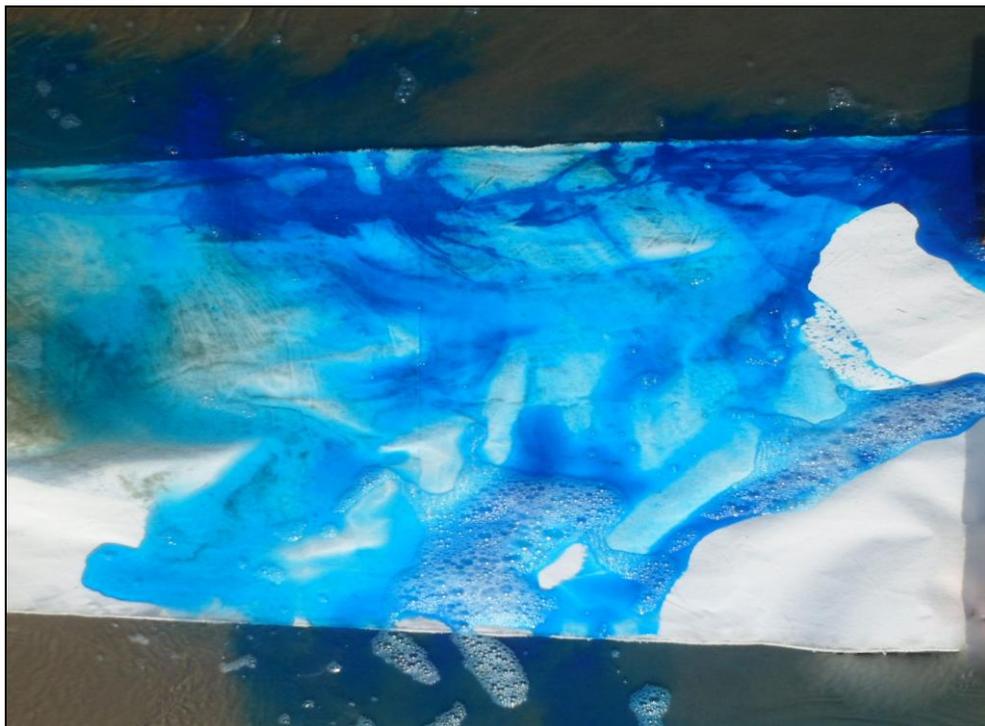
Figura 28 - Momento em que a água do mar chegou.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Este foi o momento mais emocionante do processo, quando a onda do mar chegou e fez o desenho.

Figura 29 - Momento em que a água do mar chegou, e fez o primeiro desenho.



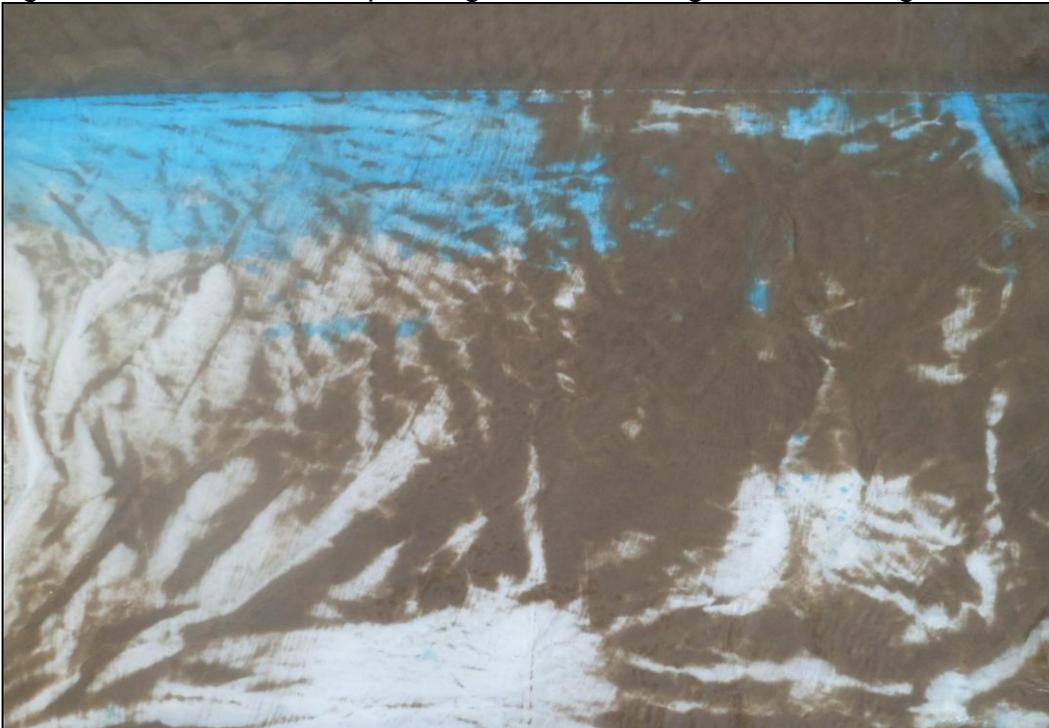
Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 30 - Etapa 5. Gesso acrílico com nanquim.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 31 - Momento em que a água do mar chegou, e fez o segundo desenho.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 32 – “*Marcas do Mar I*”. Nanquim sobre tecido de algodão 66 cm x 1,18 cm



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

Figura 33 – “*Marcas do Mar II*”. Nanquim com gesso acrílico sobre tecido de algodão 66 cm x 1,18 cm



Fonte: Acervo da pesquisadora (2015).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo minha concepção de desenho acadêmico consistia em um talento humano que, por meio das técnicas poderíamos desenvolver ainda mais suas habilidades.

Eu sempre tive uma aproximação com o desenho, só que para construí-los eu utilizava somente lápis e papel, meu conhecimento era muito restrito para a natureza do desenho.

A pesquisa sobre a origem do desenho de acordo com as mudanças em cada período da história promoveu uma ampliação de meus conceitos acerca da linguagem do desenho.

Neste trabalho observei o desinteresse dos artistas pelas técnicas, ou seja, para eles o que importa é apresentar algo novo, diferente e inesperado, se apropriando de qualquer tipo de suporte, processos, instrumentos e materiais.

Como minha pesquisa é feita com base nos estudos do desenho como marca, e na apropriação dos processos utilizados pelos artistas do desenho na arte contemporânea, conheci o processo dos artistas Susan Collins, Richard Long, Trisha Brown, Sandra Cinto e Letícia Cardoso que serviram como uma fonte de inspiração para a proposta da construção do meu objeto de arte.

Embora esses artistas apresentem seus processos de formas distintas, o interesse deles é de expandir as inúmeras possibilidades de construção do desenho na arte contemporânea.

Diante disso, eu me apropriei do processo da obra da artista Letícia Cardoso intitulada 'Desenhos do Mar' com a proposta de incorporar um novo sentido do desenho na arte, por meio da construção da minha produção. A obra da artista Sandra Cinto também contribuiu para dialogar com meu objeto de arte, porque eu me identifico muito com os seus sentimentos pelo mar.

Acredito ter alcançado meu objetivo, ficando muito satisfeita não só com o resultado final da minha obra, mas com todo o processo em si.

A pesquisa foi de suma importância para rever meus conceitos acerca do desenho na arte, hoje sei que posso desenhar com diversos elementos e em qualquer tipo de suporte, inclusive deixar que o desenho se construa por si mesmo, com o acaso.

Espero que esta pesquisa possa contribuir para uma compreensão mais

ampla das concepções acerca do desenho na história da arte, e das ilimitadas possibilidades de sua construção na arte contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. Do Desenho. **Aspectos das Artes Plásticas no Brasil**. 2ª ed. Martins: São Paulo, 1975.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AZEVEDO, Ana Alexandra Loureiro Neves da Costa. **A Afirmação do Desenho desde a Segunda metade do Séc. XX**. 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Criação Artística Contemporânea, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2009001204>>. Acesso em: 15 dezembro 2014.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: ática, 1986.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-Produção**: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins, 2009.

CARDOSO, Letícia de Brito. **Jogar-Brincar**: Da maneira de executar as propostas à circulação no Território da Arte. 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Poéticas Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://busca.ibict.br/SearchBDTD/search.do?command=search&q=+assunto:%22jogar%22>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

CATTANI, J. **Colóquio sobre a Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas na Universidade**. In: BRITES, B; TESSLER, E. O meio como ponto zero. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHUI, Fernando; TIBURI, Márcia. **Diálogo**: Desenho. Senac: São Paulo, 2010.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2004.

_____. **Disegno. Desenho. Desígnio**. Editora Senac, São Paulo. 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOMBARDO, Giovani. **A Estética da antiguidade clássica**. Rio de Janeiro: Estampa, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo a história da arte**. São Paulo: Ática, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Anna Blume, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SIMBLET, Sarah. **Desenho: uma forma inovadora e prática de desenhar o mundo que nos rodeia**. Londres: Dorling Kindersley, 2004.